

**CONFERÊNCIA INTERNACIONAL  
INVESTIGAÇÃO, PRÁTICAS E CONTEXTOS EM EDUCAÇÃO  
(IPCE, 19 e 20 de maio de 2017)**

**Quem sou eu? A literatura para a infância à procura da identidade**

Cristina Nobre, ESECS-IPL, CICSnova-IPL  
cnobre@ipleiria.pt

EIXO TEMÁTICO: Aprendizagens em contextos educativos

**RESUMO:**

*Quais os instrumentos pedagógicos e didáticos da Literatura para a Infância - sobre a temática da identidade infantil em formação - a ensaiar / utilizar na Educação Básica?*

*Pretende-se dar os resultados das aplicações pedagógico-didáticas de textos literários pelos estudantes da Licenciatura em Ensino Básico, (ESECS), em 2016-17, na UC Literatura para a Infância, refletindo sobre as seleções de textos e relação com os programas de Português e as recomendações do Plano Nacional de Leitura. Reflete-se sobre as preferências da escolha de duas narrativas breves (Max Velthuis, Sapo é Sapo, 2000 e David MacKee, Elmer, 1997) e percorrem-se os instrumentos pedagógicos utilizados na abertura para uma educação literária. Salienta-se o trajeto seguido pelos estudantes na passagem de leitores a produtores, seguindo a criação de um livro original sobre a temática da identidade infantil em formação.*

*Síntese sobre a importância atual de elementos intertextuais e iconográficos nos contextos profissionalizantes da educação literária e abertura para uma estética das emoções.*

**PALAVRAS-CHAVE:**

*Identidade, narrativa breve, plano nacional de leitura, seleção de livros na educação, literatura para a infância*

**ABSTRACT:**

*Which pedagogical and didactic instruments of Children's Literature – about the thematic of child formation identity - should be rehearsed / used in Basic Education?*

*The aims are to present the results of the pedagogic and didactic applications of literary texts by students of the Teaching of elementary education's degree, in ESECS, in the academic year of 2016-17, in the course of Children's Literature, reflecting upon the selections of texts and their relationship with the Portuguese programs and recommendations of the National Reading Plan. It points to choice of two brief narratives (Max Velthuis, Sapo é Sapo, 2000 e David MacKee, Elmer, 1997) and also explores the mostly used pedagogical tools in the opening for a literary education. The main goal of*

*students, going from readers to potential writers, doing an original book under the child identity formation thematic, will be central.*

*Summary of the current importance of intertextual and iconographic elements in professional contexts of literary education and openness to an aesthetics of emotions.*

KEYWORDS:

*Identity, brief narrative, national reading plan, selection of books in education, children's literature*

**COMUNICAÇÃO:**

**Quem sou eu? A literatura para a infância à procura da identidade**

Quando confrontados com a questão frequente nas crianças dos três aos seis anos de idade – *Quem sou eu?* – os educadores recorrem à sua própria experiência e a livros que explorem a temática da construção da identidade infantil, já que esta não era uma das perspectivas que a educação, e a formação de educadores e professores, tradicionalmente incluísse como prioritária. A passagem do século XX ao XXI constituiu também uma mudança de paradigma, a quase todos os níveis, e a educação não foi uma exceção. Se a educação literária se tem desenvolvido num sentido cada vez mais interdisciplinar e intercultural, os estudos de género têm dominado algumas das inovadoras construções de materiais didáticos, e transformaram-se nas investigações mais populares e abrangentes atualmente (vd Barbosa, 2009; Knuppe, 2004).

Para nós, a interrogação emergente durante a construção da identidade infantil, coloca-se ainda antes da constituição de uma assunção de papel sexual (ou de género, como nos quisermos posicionar), e tem sobretudo a ver com a formação da personalidade e a imersão num conjunto de valores e referências sociais, na abertura para uma ética de vida norteadora. Por isso o livro para a infância, quando desenvolve esta temática, se revela um instrumento pedagógico de enorme utilidade. Efetivamente, os arquétipos presentes e fundacionais de uma ética social estão presentes nos textos literários dedicados à infância. Assim se percebe a riqueza potencial do *Plano Nacional de Leitura. Ler+ [PNL]* e a sua preocupação com a seleção de textos e indicações sobre as estratégias de literacia a aplicar-lhes.

Muitas escolas superiores de educação, enquanto responsáveis pela formação básica e contínua de educadores e professores, se dedicam à utilização do livro infantil como ferramenta essencial, e alguns mestrandos, investigando na área, enunciam:

[...] o livro pode revelar-se um precioso recurso pedagógico para o educador [...] por permitir, além da educação estético-literária e do desenvolvimento de comportamentos emergentes de literacia, abordagens transversais às várias áreas curriculares e aos mais diversos temas da vida quotidiana, de forma integradora e obviamente não numa perspectiva escolarizada. Através dos livros, e muito particularmente no caso dos livros inseridos no paradigma da literatura infantil, a criança descobre outros mundos possíveis, desenvolve a sua capacidade imaginativa, retira ilações e constrói sentidos de acordo com as suas

experiências de vida. Para além disso, quando devidamente estimulada pelo educador, a criança adota uma atitude reflexiva sobre os textos que ouve ler, que fundamentará a construção de um quadro de valores que a ajudará a construir a sua identidade e a relacionar-se com os outros com base na tolerância e na aceitação da diferença. (Ferreira, 2013)

Preocupados com a temática da formação da identidade infantil, tomando como princípios éticos a tolerância aos outros e a aceitação da diferença, procurámos na lista do PNL livros indicados para a faixa etária do pré-escolar e escolhemos *Sapo é sapo* (2000) de Max Velthuijs e *Elmer* (1997) de David MacKee. Embora os títulos indicados no PNL correspondessem a obras no seguimento destas, entendeu-se que o facto de ambos iniciarem uma coleção abre uma janela de novas oportunidades a todos os leitores que se familiarizarem com os protagonistas e seus problemas, desejos, angústias, medos, envolvências e inclusões. Acresce que, para nós, o principal pressuposto era formativo, e a maioria das estudantes desconhecia estes livros na sua totalidade.

As personagens principais do Sapo e do elefante Elmer apresentam-se ao leitor, embora de formas diferentes, como seres-crianças em confronto com a formação da sua identidade, desconfortáveis com partes dela, em comparação com os outros, atuando em conformidade com o desconforto/ferida narcísica e procurando um novo caminho de aceitação de si mesmos e dos outros, que passa pela tolerância e aceitação da diferença de todos.

Max Velthuijs nasceu em Haia em 1923, onde morreu em 2005. Obteve o Prémio Hans Christian Andersen da Ilustração, em 2004, embora já tivesse sido distinguido com outros prémios. Corresponde a uma nova geração de autores de Literatura Infantil que escrevem e ilustram, em simultâneo, demonstrando que a contaminação de fronteiras atingiu definitivamente esta literatura, e que texto sem imagem é uma arte do passado cada vez menos motivante para as crianças dos nossos dias. Em *Sapo é sapo!* (2000), as várias personagens não têm nome próprio e distinguem-se pelas qualidades de cada uma, naquilo que constitui um enquadramento cénico que parte da reflexão narcísica inicial, se confronta com a consciência da diferença dos outros (pata, rato, porco, lebre), até chegar ao desejo de rutura consigo próprio. A linguagem, que acompanha as ilustrações figurativas, serve-se duma simplicidade muito trabalhada, para nunca fazer perder aos pequenos leitores a noção do dramatismo e da luta interior, bem como permitir um entendimento das emoções diversas que atingem a personagem principal e as secundárias:

– Que sorte que eu tenho – disse o Sapo, admirando o seu reflexo na água. – Sou bonito e consigo nadar e saltar melhor do que ninguém. Sou verde e o verde é a minha cor preferida. Ser um sapo é a melhor coisa do mundo.

– Então e eu? – perguntou a Pata. – Sou toda branca. Não achas que eu também sou bonita?

– Não – disse o Sapo. – Não tens nem uma pintinha de verde.

– Mas consigo voar – disse a Pata – e tu não.

– Ah, sim? – disse o Sapo. – Nunca te vi voar.

– Sou um bocadinho preguiçosa – disse a Pata –, mas consigo voar. Ora vê.

A Pata deu uma corrida e bateu ruidosamente as asas. Então, de súbito, a Pata ergueu-se do chão e voou graciosamente no ar. Voou fazendo círculos e depois aterrou na erva em frente do Sapo.

– Fantástico! – gritou o Sapo, cheio de admiração. – Eu também quero voar.

– Não consegues – disse a Pata. – Não tens asas.

E a Pata foi para casa muito feliz.

Quando o Sapo ficou sozinho começou a tentar voar. Deu uma grande corrida e bateu os braços para cima e para baixo com toda a força. Mas, por mais que tentasse, não conseguiu sair do chão. O Sapo ficou desanimado. “Sou um Sapo inútil”, pensou ele. “Nem sequer consigo voar. Se ao menos tivesse asas.” Então o Sapo teve uma ideia brilhante. Tudo o que a Pata conseguia fazer, ele também havia de conseguir.

Durante uma semana o Sapo trabalhou imenso com um velho lençol e um bocado de cordel. Por fim lá ficou pronto para a sua primeira experiência de voo. Foi para a colina ao pé do rio. Deu uma corrida, tal como tinha visto a Pata fazer. Depois saltou para o ar com os braços estendidos. Pairou no ar durante alguns segundos como um verdadeiro pássaro. Mas depois as asas rasgaram-se e ele caiu como uma pedra. Mergulhou no rio com estardalhaço. Pelo menos foi uma aterragem suave. [...]

Max Velthuijs consegue fazer o leitor identificar-se com os estados de espírito do Sapo, quer o inicial quer o final, oscilando entre o comportamento egotista e narcísico, que o impede de ver para além de si próprio, até ao confronto com os outros, que se servem de argumentos igualmente narcísicos para o obrigarem a ver a sua ‘falha’. Lutador, o Sapo vai procurar alcançar os seus desejos, acabando por aumentar o seu desconforto, na comparação com os outros, quando percebe que há características específicas de cada um, e que não consegue criá-las artificialmente. As cenas com o rato e com o porco apenas reforçam esta linha de leitura. Porém, é preciso que apareça a lebre, personagem em tudo semelhante ao educador-professor, para o Sapo conseguir transpor o degrau da auto negação e apaziguar-se com a aceitação da sua diferença, que o mesmo é dizer, tornar-se tolerante à diferença dos outros com quem partilha o mundo. Claro que Max Velthuijs consegue um final empolgante – em que a pretensa circularidade da imagem inicial e da final se transforma numa espiral reveladora de evolução – que faz do Sapo um ser com uma identidade num estágio mais evoluído e pacificado na aceitação de si próprio, pelo que é e pelo que continuará a imaginar ser:

[...] – Nunca hei-de conseguir ler isto! – disse o Sapo. – É demasiado difícil para mim. Não passo de um Sapo vulgar e estúpido.

Muito triste, o Sapo foi devolver o livro à Lebre.

– Então? – perguntou a Lebre. – Gostaste?

O Sapo, muito pesaroso, abanou a cabeça.

– Não consigo ler – disse ele. – Não consigo fazer bolos, não consigo fabricar coisas e não consigo voar. Vocês são todos mais espertos do que eu. Não consigo fazer nada. Sou apenas um vulgar sapo verde.

– Sapo – disse a Lebre –, mas eu também não consigo fazer bolos nem fabricar coisas. Eu não consigo nadar nem saltar como tu... porque sou uma lebre. E tu és um sapo e todos nós gostamos de ti.

Mergulhado em pensamentos, o Sapo foi para o rio e olhou para o seu reflexo na água. “Isto sou eu”, pensou ele. “Um sapo verde com um calção de banho às riscas.”

De repente, o Sapo sentiu-se muito feliz. “A Lebre tem razão”, pensou ele. “Tenho sorte em ser um sapo.”

E saltou de alegria – um grande salto, como só os sapos conseguem dar. Sentiu-se como se estivesse a voar.

David MacKee nasceu em Inglaterra (Devon) em 1935. Obteve o Prémio Memorial Astrid Lindgren, em 2006 foi nomeado candidato pelo Reino Unido ao Prémio Hans Christian Andersen e em 2011 a Universidade de Plymouth atribuiu-lhe um doutoramento *honoris causa*

em Artes. O pseudônimo de Violet Easten também foi usado por ele em algumas obras. Quando criou *Elmer*, em 1989, estava longe de imaginar o sucesso que esta personagem viria a alcançar junto do público infantil. A série enfrenta situações diversificadas na vida de uma criança, desde os medos da infância à descoberta de novos mundos, mas é com o título original que a questão da formação da identidade infantil se coloca de uma forma mais aguda e intensa, sobretudo por surgir no seio da sua família, a ‘manada de elefantes’. Entre os iguais, a família de proveniência, Elmer confronta-se com a sua diferença, exposta num texto graficamente gritante e nas ilustrações elucidativas que o acompanham:

Era uma vez uma manda de elefantes. Elefantes novos, elefantes velhos, elefantes altos ou magros ou gordos. Elefantes assim, elefantes assado, todos diferentes, mas todos felizes e todos da mesma cor. Todos, quer dizer, menos o Elmer.

O Elmer era diferente O Elmer era aos quadrados. O Elmer era amarelo / e cor de laranja / e encarnado / e cor-de-rosa / e roxo / e azul / e verde / e preto / e branco. O Elmer não era cor de elefante.

Era o Elmer que mantinha os elefantes felizes. Às vezes era ele que pregava partidas aos outros elefantes, às vezes eram eles que lhe pregavam partidas. Mas quando havia um sorriso, mesmo pequenino, normalmente era o Elmer que o tinha causado.

Uma noite o Elmer não conseguia dormir; estava a pensar, e o pensamento que ele estava a pensar era que estava farto de ser diferente. “Quem é que já ouviu falar de um elefante aos quadrados”, pensou ele. “Não admira que se riam de mim.”

De manhã, enquanto os outros ainda estavam meio a dormir, o Elmer escapou-se muito de mansinho, sem ninguém dar por isso. [...]

Elmer parte numa viagem iniciática, em busca do seu próprio ‘eu’, atravessando a floresta (o social), onde os outros animais o reconhecem pelas suas características pouco comuns, onde a simpatia está sempre em paralelo com a pele de quadrados colorida. Artificialmente, arranja uma artimanha para se fingir igual à sua família de origem, conseguindo assim estrategicamente enganar o social, na viagem de regresso:

[...] Depois pegou em cachos de frutos e esfregou-se todo com eles, cobrindo-se com o sumo dos frutos, até não haver sinais de amarelo, nem de cor de laranja, nem de encarnado, nem de cor-de-rosa, nem de roxo, nem de azul, nem de verde, nem de preto, nem de branco. Quando acabou, o Elmer estava parecido com outro elefante qualquer.

Depois o Elmer dirigiu-se de regresso à manada. De caminho voltou a passar pelos outros animais. Desta vez cada um deles disse-lhe: “Bom dia, elefante.” E de cada vez o Elmer sorriu e disse: “Bom dia”, muito satisfeito por não ser reconhecido. [...]

Elmer acabará por revelar as suas verdadeiras cores, num episódio em que a força da natureza tem um importante papel a desempenhar, e é graças a essa revelação que os indivíduos da sua família (a manada) se apercebem da diferença-unicidade de Elmer, tomando a decisão de a aceitar, ao mesmo tempo que, simbolicamente, decidem ‘fingir o outro em si mesmos’ um dia por ano. O final da narrativa conta, de uma forma quase carnavalesca, as dificuldades que a família tem em reconhecer a diferença e a importância que os ritos sociais podem ter para que a tolerância exponha e exiba até aceitar e assumir a diferença como um dos elementos do todo:

[...] Enquanto se estavam a rir a nuvem escura apareceu, e quando a chuva começou a cair em cima do Elmer os quadrados começaram a aparecer outra vez. Os elefantes não paravam de rir enquanto o Elmer voltava às cores do costume: “Oh Elmer”, ofegou um velho elefante. “Já tens pregado boas partidas, mas esta foi a melhor de todas. Não levaste muito a mostrar as tuas verdadeiras cores.”

“Temos de comemorar este dia todos os anos”, disse outro. “Vai ser o dia do Elmer. Todos os elefantes vão ter de se pintar e o Elmer vai-se pintar de cor de elefante.”

E é isto mesmo que os elefantes fazem. Num certo dia do ano, pintam-se todos e desfilam. Nesse dia, se vires um elefante com a cor vulgar de um elefante, já sabes que deve ser o Elmer.

David MacKee convoca o leitor, na figura do narratário explícito, como o destinatário privilegiado deste texto, piscando-lhe o olho e mostrando-lhes como a leitura crítica e reflexiva é uma das competências básicas que a literatura infantil desenvolve. A educação literária retira da ficção todas as suas potencialidades de aprendizagem.

Leitores entusiastas destas duas narrativas ricamente ilustradas, as estudantes do ensino básico discutiram entre si as várias fases da elaboração da consciência de si mesmo, questionando-se sobre o papel das interações sociais e concluindo da importância do papel de futuras educadoras no desenvolvimento da personalidade da criança. Assim, entenderam:

[...] por meio das interações sociais, é possível a construção da consciência de si mesmo. É um estágio marcado por três fases distintas: oposição, sedução e imitação. A oposição surge como uma necessidade de a criança se autoafirmar e iniciar sua diferenciação do outro. Em seguida, a criança pede a atenção do outro, quer ser admirada, reconhecida e utiliza a sedução para conseguir o seu propósito. E, para finalizar, ocorre a fase da imitação em que a criança cria personagens a partir de pessoas que admira e utiliza o outro como modelo a ser seguido [...] (Paiva, Nunes e Deus, 2010: p. 88)

A partir daí a criatividade dos estudantes voltou-se para a produção de um texto destinado à infância que abordasse a questão da identidade infantil – sua formação, crises evolutivas, fases progressivas –, ficando com a liberdade de escolherem um ilustrador ou de desempenharem esse papel dentro das suas competências limitadas na área.

Vários foram os textos criados pelos estudantes, no projeto designado ‘livro simulado’. O fingimento pedagógico era o de que se estava a construir um verdadeiro livro para ser editado, com um público infantil à sua espera. Alguns grupos chegaram a ter destinatários reais como ‘cobaias’ do produto final, e essa estratégia permitiu-lhes corrigir algumas discrepâncias entre a conceção dos adultos e a da infância, assim como enriqueceu a necessidade de afinação da linguagem usada, em função dos objetivos de cada grupo de potenciais escritores. Entre todos os ‘livros simulados’, escolhi *A Riscas e o Jubinhas*, de Ana Laureano, Ana Duarte, Diana Martins, Joana Pinto e Nídia Mesquita, por me parecer uma das narrativas mais bem engendrada, dentro da temática, e como objeto-livro final.

A personagem Riscas é uma ficcionalização do ocapí, animal camaleónico, com características da zebra, da girafa e até do veado, que vive solitário na natureza. Na narrativa também a fêmea Riscas vai ficando sozinha, pois nem as girafas, nem os elefantes, nem os hipopótamos querem brincar com ela. Só com a chegada do pequeno leão Jubinhas a integração se faz, e Riscas é finalmente incluída na sociedade dos animais:

‘A Riscas é um animal diferente, pois não é uma zebra, nem uma girafa. A Riscas, em vez de ter o corpo todo às riscas ou todo às manchas, tem uma mistura dos dois. Apesar da diferença, a Riscas é... igualmente sorridente, ... igualmente divertida, ...igualmente apaixonada, ...igualmente vaidosa, ...igualmente sonhadora.

Mas...

Os outros animais não se apercebem destas qualidades.

Um dia a Riscas estava a passear e encontrou um grupo de girafas bebés.

- Posso brincar com vocês? – perguntou a Riscas.

- Não Riscas, tu não tens manchas como nós. – responderam as girafas.

Triste, continuou o seu caminho e encontrou um grupo de elefantes.

- Posso brincar com vocês? – perguntou a Riscas.

- Não Riscas, tu não tens uma tromba como nós. – responderam os elefantes.

Ainda mais triste, não desistiu e voltou a tentar com um grupo de hipopótamos.

- Posso brincar com vocês? – perguntou a Riscas.

- Não Riscas, tu não sabes nadar como nós. – responderam os hipopótamos.

Desanimada, a Riscas escondeu-se atrás de uma árvore e começou a chorar.

Por perto estava um pequeno leão que ouviu aquela choradeira.

- Porque estás a chorar? – perguntou o Jubinhas.

- Porque ninguém quer brincar comigo. – respondeu, triste, a Riscas.

- Oh! Não te preocupes, eu brinco! – disse o Jubinhas, para tentar animá-la.

Foi então que todos os animais se aperceberam que as diferenças nada contam e seguindo o Jubinhas começaram a brincar todos juntos.

A Riscas era afinal...

... um animal especial.’

A narrativa, sintetizada textualmente assim e largada, não parece conter grande novidade, não fossem as ilustrações e os fantoches que fazem parte integrante do livro, sendo os leitores, desde a primeira página, convidados a servir-se deles para interagirem com a história, em algumas cenas apenas paisagísticas, a que faltou deliberadamente a presença da figuração das personagens-animais: ‘Personagens: utilizar como fantoches durante a leitura.’

Todo o grafismo do ‘livro simulado’ se insere numa estética inovadora, capaz de fazer oscilar os pormenores da intriga, como as riscas ou as manchas que fazem parte das guardas do livro e separam as duas sequências principais, até atingir o impressionismo de uma pintura, por vezes a óleo, outras vezes a guache, em que o efeito primário dos fantoches figurados em cartão acaba por dar uma nota realista e mais infantil à narrativa.

Quanto às atividades didáticas pressupostas por este ‘livro simulado’, a área da interdisciplinaridade foi colocada em lugar central, oscilando da literacia da leitura às ciências do meio e da zoologia. A leitura com pausas e a antecipação de leituras permitida, assim como a utilização da pontuação – foram dois dos pontos mais destacados na aprendizagem da leitura oral e na expressão escrita, sem esquecer a produção de novos textos, com as hipóteses em aberto de continuar as aventuras de Riscas e Jubinhas, ou de criar guiões para dramatizar

essas aventuras com os fantoches fornecidos e a utilizar em novos contextos. Todas as considerações sobre o ambiente envolvente e comentários ou simples descrições das ilustrações mais realistas levariam o educador a explorar conceitos fundamentais e aprendizagens de conteúdos relativos ao meio envolvente. As estudantes optaram por sublinhar a importância de apresentar um animal praticamente desconhecido na área da zoologia, e como seria possível partir do livro criado para uma investigação rigorosa sobre o ocapí, com a realização de uma exposição dirigida aos pais e à comunidade escolar, capaz de mostrar a importância que as narrativas da literatura infantil têm na abertura para um número alargado de aprendizagens.

Um aspeto descurado neste projeto foi a criação de livros digitais, porque a preparação tecnológica dos estudantes não lhes permitia entrar sozinhos nessa área cada vez a tornar-se mais importante, mas complexa de abordar sem formação. Seja como for, parece evidente concluir que a interatividade dos leitores, pressuposta em *A Riscas e o Jubinhas* através da utilização dos fantoches, resultaria num acréscimo de eficácia numa versão do 'livro simulado' em livro digital e alcançaria um público muito mais alargado, do que uma versão editada. Isto mesmo é reconhecido no PNL no artigo de Virgínia Santos *Os Livros Digitais do Plano Nacional de Leitura e a promoção da leitura na educação pré-escolar*:

Na evolução contínua das tecnologias, com a multiplicação e sofisticação de dispositivos e de *software*, o mercado disponibiliza, sistematicamente, *formatos de LD inovadores* que alargam e enriquecem o seu âmbito de ação. O grau de *interatividade* é progressivamente melhor, expandindo as possibilidades de *manipulação* e de acesso bem como acentuando o seu potencial pedagógico. Os LD do PNL, mantendo níveis de exigência pedagógica similares, oferecem, contudo, a mais-valia de terem uma matriz gratuita e universal. (Santos, sd)

No entanto, alguns elementos criteriosos, em princípio excluídos das propostas didáticas, ganham, neste quadro, uma importância de proeminência, o que me faz registar que o caminho da educação literária tem registado pequenas alterações nos últimos anos, que consistem em atribuir um peso cada vez maior aos elementos para-textuais, o que coincide com a complexidade crescente do fenómeno artístico coetâneo. Em destaque, encontram-se as componentes pictóricas do objeto livro, pois a ilustração ganhou um estatuto de imprescindibilidade tal que funciona como um dos elementos estéticos fundamentais, ao mesmo nível hierárquico do que a língua escrita.

#### **Referências bibliográficas:**

- AMOS, Berthe & SUBEN, Eric (1995) *Writing and Illustrating Children's Books for publication. Two Perspectives*, Writer's Digest Books, Cincinnati, Ohio.
- BACELAR, Manuela (2008) *O Livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8 anos)*, edições Afrontamento, Porto.

- BARBOSA, Ângela (2009) “A Literatura Infantil e a construção da identidade feminina e masculina” in V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, UFBA, Salvador, Bahia, Brasil, 2009, <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19171.pdf>
- FERREIRA, Ana Filipa mendes (2013) *Identidade e Alteridade: a Literatura Infantil como oportunidade de abordagem aos valores na educação pré-escolar*, Relatório final – Prática e Educação Supervisionada, Mestrado em Educação Pré-Escolar, Instituto Politécnico de Portalegre <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4199/1/Ana%20Ferreira.pdf>
- HUNT, Peter (ed.) (1998) *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*, Routledge, London & New York.
- KNUPPE, Luciane (2004) “A identidade de género – um processo em formação” in *A Página da Educação*, n.º 132, Março de 2004. <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=132&doc=10007&mid=2>
- Livros Recomendados: *Plano Nacional de Leitura, Ler +* <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/livrosrecomendados.php?idLivrosAreas=3>
- McKEE, David (1997) *Elmer*, ilustração de D. McKee, trad. José Oliveira, ed. Caminho, Lisboa.
- PAIVA, Núbia Silva Guimarães; NUNES, Liliane; DEUS, Mariana F. de (2010) “A construção da identidade da criança na educação infantil numa perspectiva histórico-cultural” in *Olhares & TrilhaS ~ Uberlândia*, Ano XI, n.11, p. 85-96, <http://www.seer.ufu.br/index.php/olhasesetilhas/article/viewFile/13903/7958>
- Plano Nacional de Leitura, Ler +* <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index1.php>
- SANTOS, Virgínia (sd) *Os Livros Digitais do Plano Nacional de Leitura e a promoção da leitura na educação pré-escolar*, Plano Nacional de Leitura [http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/PNLEstudos/uploads/ficheiros/ld\\_estudos\\_pnl\(2\).pdf](http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/PNLEstudos/uploads/ficheiros/ld_estudos_pnl(2).pdf)
- VELTHUIJS, Max (1996) *Sapo é Sapo*, ilustração de Max Velthuijs, trad. Ana Moniz, ed. Caminho, Lisboa, 2000.